

A FLAGELAÇÃO

1. Não é uma aplicação do espírito que este assunto reclama; temos muito simplesmente de abrir os olhos e olhar. Se não nos sentirmos tocados de compaixão à vista do suplício espantoso que Jesus então suportou, é que o amamos muito pouco. Ao pé da coluna a que o iam amarrar, a multidão estava descuidosa, despreocupada e via com indiferença os preparativos do suplício. Que não sejamos do número daqueles que semelhante espectáculo deixava insensíveis!

Uma alma que ama verdadeiramente a Nosso Senhor sente a necessidade de o desagravar, de o compensar de tal insensibilidade por um redôbro de ternura.

Quanto devia custar a Jesus, que era a própria delicadeza e o próprio pudor, que o despojassem dos seus vestidos diante de toda aquela multidão! Ele expiava nesse momento todas as indecências que deviam cometer-se neste mundo até ao fim dos séculos, todos esses pecados de que o reinado do Evangelho devia ter estancado a fonte e que nas nossas sociedades cristãs se dão tão livre curso como em pleno paganismo. Pensamos bastante nessas ignomínias que Jesus contempla do seu sacrário? Oferecemos-lhe actos de reparação bem frequentes por esse sofrimento que foi infligido então ao seu Coração e pelo ultraje que esses crimes fazem sem cessar subir até à sua Majestade três vezes santa?

Nós estremecemos à vista dos flagelos que os algozes têm nas mãos e que devem ferir a carne adorável de Jesus, flagelos armados de pequenos ossos e de bolas de chumbo e que causavam ao paciente um sofrimento tão grande que desmaiava muitas vezes logo aos primeiros golpes. E Jesus, apesar da tortura atroz que sofria, retinha a vida prestes a fugir-lhe; os golpes chovem sobre o seu corpo sagrado e, para saborear melhor esse suplício, conserva toda a sua sensibilidade, toda a sua faculdade de sofrer.

Espectáculo cruel! Suplício atroz! Suplício horrível! A sua carne voa em pedaços; o sangue corre de todo o seu corpo; a coluna, o pavimento, os próprios algozes estão cobertos dele; os golpes não caem senão sobre chagas. E o furor desses monstros de aspecto humano não está ainda de modo nenhum aplacado. Eles continuam a ferir, até que finalmente um deles, recordando-se de que a vítima está reservada para outro suplício, corta os laços que atam

Jesus à coluna; e Jesus cai banhado no seu sangue.

Jesus encontra-se no estado em que o contemplou o profeta: “no opróbrio dos homens, mais semelhante a um verme da terra do que a um homem. Desde a planta dos pés até à

cabeça, não há nada que não tenha o seu sofrimento; e essa chaga universal nem enfaixada nem mitigada por algum remédio. Nós vimo-lo: não lhe restava nada da sua beleza. Estava presente aos nossos olhos e nós perguntávamos onde é que estava. Não encontrámos senão um homem de dores, um homem que a mão do Senhor tinha ferido; porque foi ferido pelas nossas iniquidades, despedaçado pelos nossos crimes

2. Como Jesus se representa belo através do sangue que do seu corpo escorre neste momento! Não podemos esquecer que foi por nós que o derramou. Uma só gota desse sangue divino teria bastado para a redenção de mil mundos; mas o seu amor não podia contentar-se senão com a condição de que não restasse uma só gota dele nas suas veias; e, depois do suor de sangue no Jardim das Oliveiras, é o horrível suplício da flagelação. Que ingratidão seria a nossa se o não contemplássemos com ternura sob os golpes do pretório e se não lhe retribuíssemos amor por amor! A bondade e a beleza são as duas coisas que determinam o nosso amor; e nós o vemos neste momento bom de uma bondade que nos esmaga, belo de uma beleza que esconde infinitamente todas aquelas que despertam de ordinário a nossa admiração

Procuremos recolher a lição que Jesus nos dá na sua flagelação e decidir-nos finalmente a seu exemplo mortificar os nossos sentidos.

Que inimigo é para nós a sensualidade! Sem falar das tentações da impureza, contra as quais, enquanto conservarmos um sopro de vida, havemos de nos precaver, com o auxílio da graça, não somos levados a lisonjear sem cessar a nossa carne, a procurar as nossas comodidades, afastar tudo o que pode ser para nós motivo de mortificação? A luta neste terreno é de todos os instantes: mortificação dos olhos que querem ver tudo; mortificação da curiosidade em busca de todas as novidades; mortificação do gosto que procura as delicadezas da mesa; a mortificação da Língua que prodigaliza palavras inúteis. Quantas ocasiões de méritos, se quisermos, mas, ai, que ocasiões de queda, se não

usarmos de vigilância incessante!

Por ventura, para nos impedir de sacrificar jamais à sensualidade, não deveria bastar este pensamento: “Queres exercer para com Jesus a função dos algozes que o flagelaram? Cada pecado de sensualidade que cometes, é uma chicotada na sua carne sacrossanta. Tornar-nos culpados de tal crime depois de tudo o que Jesus fez por nós?... Oh, nunca! Antes a morte que semelhante ingratidão.

E não devemos contentar-nos de renunciar a toda a sensualidade que possa desagradar a Nosso Senhor; o seu amor incita-nos a ultrapassar nesta matéria o que é obrigatório e a multiplicar as mortificações que não são senão de conselho. Os nossos sentidos são os inimigos de Jesus, os inimigos do seu reinado em nós; são obstáculos à vida interior, à vida de intimidade com ele. A guerra que lhes fizermos não será pois nunca demasiado violenta: podemos mortificar-nos muito sem excedermos os limites da prudência. Peçamos-lhe com todo o ardor da nossa alma que, por todo o sangue que derramou na coluna do pretório sob os golpes da flagelação, nos ampare e anime, nos dê força e coragem, na luta enérgica que queremos doravante sustentar, em cada dia da nossa vida, em cada hora, em cada momento, contra a nossa sensualidade.